

APRESENTAÇÃO

Alexsânder Nakaóka Elias

Universidade Estadual de Monte Claros- Unimontes

Montes Claros, Minas Gerais

alexdefabri@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6746-0464>

Olavo Ramalho Marques

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Porto Alegre, Brasil

olavoramalhomarques@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7593-9608>

Este dossiê, intitulado “Antropologia audiovisual com fotografias e filmes: da película ao digital”, é fruto do grupo de trabalho homônimo por nós organizado na 34a Reunião Brasileira de Antropologia (34 RBA/ABA), realizada em meados de 2024, em Belo Horizonte, MG. Aqui, levamos em conta o fato de que a fotografia, os registros sonoros, o cinema e o vídeo acompanham a Antropologia desde o momento de seus respectivos surgimentos, inicialmente como formas simples de registro/atestados do real, passando a ser considerados como formas de expressão que constituem, cada vez mais, parte significativa dos processos de pesquisa, ao invés de meros recursos ilustrativos, adereços e anexos, ganhando estatuto de objetos e componentes metodológicos e epistemológicos fundamentais na produção do conhecimento antropológico. Partindo dessa perspectiva, o dossiê emerge no sentido de acolher trabalhos que refletem sobre as potencialidades da fotografia, dos registros sonoros, do cinema e do vídeo nas produções etnográficas, sejam como elementos, elos e/ou enlases da pesquisa antropológica.

Este segundo volume do dossiê revela a pujante produção no campo da Antropologia Audiovisual e da Imagem Contemporânea no Brasil. Assim como no primeiro volume, reunimos contribuições de pesquisadoras/es que promovem debates que orbitam em torno da centralidade dessas formas de expressão, seus potenciais metodológicos e seus papéis epistemológicos. Aqui, enfatizamos a composição e circulação de arquivos e coleções de imagens, suas mobilizações como recursos didáticos em contextos educacionais e nos processos de ensino-aprendizagem, as aproximações entre fotografia, vídeo e arte, assim como os lugares expressivos no campo das experimentações em busca de formas narrativas que sejam capazes de ressoar as feições estéticas e éticas dos fenômenos experienciados no

trabalho de campo. Além disso, damos destaque aos tensionamentos que surgem nas intersecções entre “representações” e “realidades”, levando-se em consideração, ainda, as múltiplas materialidades e virtualidades das imagens, em seus diferentes suportes e processos de atravessamento entre formas analógicas e digitais.

O conjunto das produções apresentadas nos conduz à discussões sobre as potencialidades narrativas acionadas nos atos de registrar, descrever, imaginar e compartilhar pesquisas com e por meio de imagens, sejam elas provenientes de acervos, produzidas pelos/as pesquisadores/as, feitas dialogicamente com interlocutores/as ou a partir de narrativas imagéticas que percorrem diferentes circuitos, atravessando e produzindo formas de pensamento e construção de sentidos. Destacamos, neste segundo volume do dossiê, as potencialidades e possibilidades que as imagens, sejam elas “estáticas” e/ou em movimento, analógicas ou digitais, possuem de contar histórias e, ainda, de nos fazer contá-las. Ao partir da premissa de que as imagens pensam e nos fazem pensar (Samain, 2012), os trabalhos reunidos neste rico compêndio colocam em evidência as experiências que ganham vida a partir (das) e com as imagens.

Como as imagens podem ser elementos potentes e instigantes na educação e nas diversas fases de aprendizado, para além da escrita e dos processos mais tradicionais de ensino? Como as imagens podem contar histórias que abordam, ludicamente, temas centrais para a Antropologia, como família, parentesco, além de pontos interseccionais que abrangem reflexões sobre questões étnico-raciais, de gênero e de classe? Estas são duas indagações que movem criticamente o segundo volume do nosso dossiê, que também apresenta produções que se inserem em múltiplos canais de circulação: em álbuns físicos, em acervos digitais ou nas redes sociais dos/as interlocutores/as, nas paredes das casas ou em espaços expositivos institucionais, em varais nos espaços públicos ou coladas nos muros das cidades, ou, ainda, em artigos publicados em revistas científicas, como a que o/a leitor/a tem agora em sua tela.

Em “Julho em Curuçá na ‘Casa Comum’: Mulheres, Mangues e Sustentabilidade”, Alanna Gouveia desvela a pesca artesanal em Curuçá, no Pará, atividade essencial para a manutenção das famílias ribeirinhas e para a preservação do meio ambiente local, visto que os/as pescadores/as respeitam os ciclos dos manguezais e rios que oferecem a eles/as suas fontes de subsistência. A autora destaca, ainda, a importante função das mulheres no processo de captura e comercialização do pescado, além do papel central que elas assumem nas ações comunitárias de conscientização ambiental, embora perpassadas por questões relacionadas à desigualdade de gênero. As fotografias que nos são apresentadas ao longo do texto ressaltam

a presença e dão a ver essas mulheres fortes, fundamentais para a preservação dos modos de vida e da cultura em Curuçá.

Karen Kärercher, em “As histórias que as imagens contam”, retoma o acervo fotográfico de Aida Ferrás, personagem conhecida pelos frequentadores dos cinemas de rua de Porto Alegre/RS. A partir de um trabalho que nomeia como “um exercício de ver e remexer nas fotos e conversar sobre elas”, Kärercher busca, com e por imagens, descobrir o que Aida dizia sobre o mundo que habitava. Para isso, faz uso do conceito de fotobiografias, uma “metodologia” já utilizada por outros/as autores/as, mas que traz montagens com potencial e que demonstram o importante processo de seleção das imagens que irão compor uma pesquisa com acervo.

No artigo “Santuário, a dança de Exu: notas sobre fotografias e vivências de axé”, Rodolfo Teixeira Alves narra e retrata temáticas centrais para o campo da Antropologia, a saber, suas experiências nos terreiros de Candomblé e Umbanda. Alves nos brinda com fotografias analógicas e digitais riquíssimas em conteúdo e estética, com descrições e legendas que buscam explorar questões visuais instigantes. O autor ainda traz discussões importantes sobre as interlocuções entre humanos e não-humanos (Strathern, Malinowski, Wagner, Donna Haraway, Ingold, Latour, Viveiros de Castro, etc.), além de ressaltar as relações presentes no ato fotográfico, que vincula quem é fotografado, quem fotografa e quem olha e analisa a imagem. Por fim, o autor apresenta um zine, forma instigante de se apresentar fotografias unidas aos textos e outras imagens, articulando de forma potente essas diferentes e múltiplas grafias (Ingold, 2012).

Nesta mesma toada, “Batuque de Nelson: a arte como território de reconfiguração do tecido social”, de Guilherme Landin et al., nos apresenta a força da resistência tecida através da arte no contexto de “uma experiência onírica de um quilombo cultural urbano grafada em um conjunto de memórias e suas narrativas orais e visuais registradas em audiovisual e fotografia”. As músicas deste batuque - que é expressão de resistência e afirmação da identidade afro-brasileira, argumentam os autores - trazem em si uma sinestesia de terreiro. Fazer cinema neste contexto e sobre este conjunto de patrimônios de Juiz de Fora/MG, apontam, é um encontro, uma “experiência coletiva de fabular a vida”, constituindo imagens que falam, cantam e encantam.

“Olhares Etnográficos em Movimento: A Antropologia Audiovisual em Tempos Pós-Modernos – do Analógico ao Digital”, de Francilene da Silva Abreu, perpassa as

relações (im)possíveis entre os meios audiovisuais e a produção do conhecimento antropológico, “através da trajetória da imagem, que sai do suporte analógico para o digital”. Para isso, a autora realiza uma necessária revisão bibliográfica sobre os “usos” clássicos da fotografia nos trabalhos etnográficos, inicialmente como mera ferramenta de registro e ilustração, prova do real, até chegar às possibilidades metodológicas/narrativas e às novas potencialidades das imagens permitidas pelo digital, “saindo do domínio dos antropólogos” e permitindo que “pessoas, culturas e sociedades documentem suas histórias de uma forma audiovisual”.

Em “Infância, mídia e consumo: uma crônica audiovisual a partir de experiência fotoetnográfica no território escolar”, Alissom Brum e Saraí Patrícia Schmidt apresentam uma instigante proposta que busca a construção de uma crônica audiovisual sobre o ambiente escolar e seus sujeitos, contribuindo para as discussões que permeiam os encontros entre os campos da Antropologia Visual e da Educação. Para tanto, fazem uso da “fotoetnografia” como metodologia de trabalho, cujo campo se deu em uma escola pública no interior do Brasil. Aqui, a fotografia é pensada como “ferramenta analítica e narrativa”, capaz de dar a ver que “a escola não é um espaço neutro, mas um território em que a lógica do consumo e as interpelações midiáticas se entrelaçam às práticas pedagógicas, influenciando os modos de ser das crianças contemporâneas”.

Gabriel Cortezi Schefer Cardoso também reflete sobre as intersecções possíveis entre a Antropologia Visual e a Educação. No artigo “A potência da futilidade em Legalmente loira: experiência audiovisual e antropológica na Educação Básica”, o autor relata uma experiência docente que tem na análise fílmica seu recurso didático em aulas de Sociologia do Ensino Médio. Para tanto, Cardoso analisa obras *mainstream*, aqui pensadas como ferramentas para o debate e reflexão com jovens estudantes. O texto aborda diferentes aspectos da sua experiência, tais como a elaboração do projeto didático, a relevância do enfoque proposto e a importância da elaboração e compartilhamento dos planos didáticos com os/as alunos/as. Este último fator, inclusive, ressalta a necessidade de construirmos pesquisas dialógicas no campo socioantropológico, sugerindo uma importante simetria entre pesquisador/a e pesquisado/a.

Mariana Ribeiro, em “Fotografar, esquecer e revelar: Sobre práticas analógicas e metodologias surrealistas”, persegue o legado da escritora chilena Maria Luisa Bombal em Buenos Aires. Debate, assim, uma pesquisa etnográfica que se constrói como uma busca e

cujas narrativas textual e imagética se desenrolam como reconstituição da “presença de uma ausência”. Uma vez que Bombal identifica sua prosa como surrealista, Ribeiro busca integrar ao seu próprio trabalho as metodologias deste movimento, no que tange a “uma realidade negligenciada pelas conformidades racionais e sociais”. Oferece-nos, assim, uma experimentação etnográfica que combina grafias visuais e textuais, resgatando um tom fragmentário e valendo-se da noção de montagem para pensar as práticas antropológicas, como a de percorrer a cidade numa *flânerie* reflexiva em busca de vestígios.

Em “Ciclo horrorífico do fazer-família: O ‘mal de família’ em *Hereditário* (2018), *Relíquia Macabra* (2020) e *Ninho do Mal* (2022)”, Mário Ferreira da Silva traz um estudo etnográfico sobre os temas da família e do parentesco, analisados a partir de filmes de terror ou horror. O autor realiza o que nomeia como uma “etnografia filmica”, conceito que tensiona os limites do método etnográfico, aqui expandidos para análises de acervos e arquivos audiovisuais. Assim, ao elencar obras audiovisuais (nacionais e internacionais) ícones do gênero de horror/terror, Ferreira da Silva recoloca em cena questões clássicas ao campo antropológico, agora revisitadas a partir do seu cuidadoso olhar sobre o “ciclo horrorífico de trauma que afeta diversas gerações de parentes”, “consumindo corpos e vivências em relações de violência física e emocional, dor e trauma”.

“Reflexões entre fotografia, antropologia e patrimônio”, de Raphael da Luz Melo e John Fletcher Couston Junior, envolve um mergulho na trajetória do Fotoativa, movimento de grande importância sediado em Belém do Pará, explorando a relação entre fotografia, arte e ativismo ao retratar a trajetória deste coletivo com mais de 40 anos de história e pelo qual circulam grandes expoentes da fotografia em nível local, regional, nacional e internacional. A fotografia emerge no artigo como processo sensível e reflexivo através da experimentação, isto é, como metodologia crítica de transformação da realidade nos fluxos de significações e pensamentos que dão forma às relações com a cidade e seus patrimônios.

No relato de pesquisa “Do Berço ao Túmulo: um olhar etnográfico sobre o ‘lixo’”, Simone Azambuja et al. nos apresentam um potente ensaio que tem início com um depoimento pessoal sobre um exercício de Antropologia Visual e montagem, no qual a autoria passa por uma experiência intimista de relação com a água e a visualização de uma boneca de plástico. Dessa forma, os/as autores/as dão a ver “as intrincadas teias que conectam as práticas de produção e destinação final de resíduos sólidos, local e globalmente, trazendo reflexões e desafios que transcendem fronteiras”.

No nosso segundo relato, “Pantera Negra: uma análise dos elementos culturais resgatados”, Ketilley Luciane de Jesus Purpura aborda o figurino do filme “Pantera Negra” e como ele carrega em seus elementos estéticos, aspectos culturais, simbólicos e representativos do continente africano. Ao levantar discussões sobre o afrofuturismo, a autora evidencia como essa obra cinematográfica, ao “apresentar uma nação tecnologicamente avançada e culturalmente rica”, “desafia os estereótipos coloniais” e “desempenha um papel crucial na construção de uma identidade africana forte e positiva, celebrando a diversidade cultural do continente e promovendo uma nova narrativa sobre a África”.

Em “Experimentação estética e potencialidades digitais nas aldeias Iny/Javaé, Ilha do Bananal, Tocantins”, Anette Maria Rodrigues Silva Bento Oliveira e Rafael Silva Oliveira investigam “as interseções antropológicas entre narrativas orais indígenas e a experimentação estética mediada pelo digital”. Aqui, os/as autores/as propõem uma “abordagem decolonial que conecta oralidade e imagens digitais da fotografia e do audiovisual como ferramentas de preservação e ressignificação cultural, especialmente em um contexto de crescente impacto das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) sobre as tradições locais”. Para tanto, fazem uso de métodos colaborativos de produção imagética envolvendo pessoas das comunidades estudadas, com o intuito de “construir narrativas contra-hegemônicas que explorem a potência simbólica das imagens e das histórias orais”.

“Explorando caminhos críticos à modernidade: Uma leitura de Fabrício Pereira da Silva sobre a comunidade no Sul Global” é a resenha que fecha o segundo volume do nosso dossiê, na qual Ana Carolina Pires Pereira analisa o livro “Em busca da comunidade: caminhos do pensamento crítico no Sul Global” (2024), obra inspiradora que elucida conceitos basilares como negritude, socialismo africano e *ubuntu*, “destacando suas genealogias e impactos intelectuais e políticos”. A autora elenca o principal argumento do livro, que propõe “a comunidade como alternativa à modernidade, enfatizando a interconexão entre humanos e natureza e o resgate do passado para construir futuros alternativos”, realizando um frutífero e necessário diálogo com outras obras, como “A vida não é útil” (2020) e “Futuro Ancestral” (2022), de Ailton Krenak, e o filme “Mais pesado é o céu” (2024), dirigido por Petrus Cariry.

O conjunto das produções, sólida em termos teórico-conceituais e oriunda de pesquisas de grande interesse para a produção de conhecimento em Antropologia, nos conduz a pensar em nossa disciplina para além da escrita. As narrativas fotográficas destacam-se

neste sentido, uma vez que podem articular-se de múltiplas formas com a oralidade e a escrita. Aponta-se para a necessidade de uma reorientação das produções da área para a educação básica - tanto na mobilização da pesquisa como instrumento de aprendizagem neste contexto, sobre a própria escola como ambiente sociocultural, quanto na análise fílmica, recurso de grande potencial didático. As aproximações entre Antropologia, Etnografia (audio)visual e Arte tensionam os limites entre os campos disciplinares, uma vez que a imagem e a produção de representações (sempre autorais?) visam, por vezes, não apenas o registro do real, mas sua transformação ou mesmo sua subversão.

Algumas experimentações narrativas e imagéticas presentes neste volume conduzem a um alargamento quanto aos cânones das normas e diretrizes da produção científica, e mesmo àqueles já presentes no próprio campo da Antropologia Audiovisual e da Imagem. O valor estético das produções acolhidas neste dossiê é notável e dá relevância ao conjunto. Conjunto este que, somado ao volume I do dossiê, oferece vasto material de estudo, aprendizagem sobre temas múltiplos de interesse antropológico reunidos sob o princípio comum de que a imagem neles ocupa um papel central, sob diferentes feições, bem como inspiração para a crescente produção de nossa área, em volume e qualidade.